

# A neurose obsessiva e os enigmas da masculinidade

## Obsessional neurosis and the enigmas of masculinity

*Jacqueline de Oliveira Moreira<sup>1</sup>*

### **Resumo**

Neste pequeno ensaio pretende-se pensar a dúvida que aparece em alguns homens neuróticos obsessivos sobre a sua masculinidade. Buscamos no caso freudiano “O Homem dos Ratos” subsídios para pensar os enigmas da masculinidade na neurose obsessiva e as possíveis inserções do obsessivo no campo da alteridade. Acreditamos que a pergunta “Sou ou não homem?”, que aparece em alguns casos de neurose obsessiva, representa uma estratégia para manter o pai no lugar de potência.

**Descritores:** neurose; transtorno obsessivo-compulsivo; masculinidade; individualidade; relações pai-filho.

### **Abstract**

This short essay aims to analyze a question that arises on some obsessional neurotic men about their own masculinity. We have found, on the Freudian case “Rat Man”, subsidies to reflect on the enigmas of masculinity in obsessional neurosis and the possible ways the obsessional neurotic might be inserted in the field of alterity. We believe that the question “Am I, or am I not a man?”, which arises in some cases of obsessional neurosis, represents a strategy to keep the father as the more potent figure.

**Keywords:** neurosis; obsessive-compulsive disorder; masculinity; individuality, father-child relations.

---

<sup>1</sup> Psicóloga. Doutora em Psicologia Clínica (PUC-SP), Mestre em Filosofia – UFMG. Professora do Programa de Pós-Graduação (M/D) em Psicologia da PUC-MG (filiação à ANPEPP).

## A neurose obsessiva e os enigmas da masculinidade

Uma dúvida se inscreve nas sessões: “Não sei se sou homem.” Vários pacientes cuja hipótese diagnóstica é de neurose obsessiva levantam essa dúvida. Esses pacientes se perdem em diversas indagações: “Sou homem ou criança?”, “Sou homem ou mulher?”, “Sou homossexual?”, “Não sou humano?”. Esse questionamento sobre a masculinidade coloca-a como um enigma. Não seria só a feminilidade um enigma, pois, no continente masculino, também, habita um campo obscuro.

Outro ponto em comum entre esses pacientes é a idealização do pai. Melman<sup>1</sup> nos revela que na relação com o outro, o obsessivo se encontra preso no eixo imaginário do ideal, sendo que a virilidade situa-se ao lado da imagem ideal. Assim, afirma Melman, o obsessivo aceita “certa feminilização para assegurar a virilidade do pai”<sup>1</sup>. Acreditamos que a dúvida dos pacientes descrita na pergunta “sou homem?” revela uma certa feminilização de si e pode ser reflexo da idealização da virilidade paterna. Podemos pensar em uma identificação com a mãe e um desejo idealizado pelo pai, mas devemos enfatizar que essa solução pode representar uma defesa contra o desejo pela mãe. Desta forma, pensamos que o destino da ideia do desejo pela mãe é o recalque e a culpa resultantes que promovem a idealização da virilidade do pai, pois só este pode ter essa mulher. No entanto, essa idealização impossibilita o encontro com a própria virilidade. Assim, cabe a pergunta: Sou Homem?

Pensamos que este seria um mecanismo similar àquele descrito por Freud<sup>2</sup> em os criminosos por sentimento de culpa. Nas palavras de Freud:

O resultado invariável do trabalho analítico era demonstrar que esse obscuro sentimento de culpa provinha do complexo de Édipo e constituía uma reação às duas grandes intenções criminosas de matar o pai e de ter relações sexuais com a mãe<sup>2</sup>.

Pensamos que a dúvida em relação à masculinidade pode apresentar um mecanismo analógico a essa ideia freudiana do criminoso em consequência do sentimento de culpa. O sujeito se sente oprimido pelo sentimento de culpa e a saída é cometer um crime. Nesse caso, o sujeito se sente oprimido pela culpa de ter desejar a mãe e saída é se identificar com ela matando, pois, a sua própria virilidade, mas a culpa opera mais como uma ação, que é garantir o lugar viril idealizado para o pai.

Com o objetivo de entender esse movimento de colocar em xeque a masculinidade, utilizaremos como chave de leitura da neurose obsessiva as

posições desse sujeito no interior do campo da alteridade. Para ilustrar nossas reflexões, apresentaremos, ao longo do texto, fragmentos de três casos clínicos de neurose obsessiva, e buscaremos o mais célebre caso freudiano de neurose obsessiva.

O primeiro caso refere-se a um jovem agricultor de 25 anos, casado, sem filhos, vivendo um inferno matrimonial. Sua mulher tem crises de raiva e de consumo. Em suas crises provoca cenas de ciúmes com atuações catastróficas, como, por exemplo, sentar-se no colo de outros homens. Essa é a queixa do jovem agricultor, mas no decorrer do processo os fantasmas paternos aparecem como condição de possibilidade de sua vida atual.

Um jovem historiador representa o segundo caso. Tem 26 anos e é solteiro, mas namora a sério. Ele procurou a análise porque foi tomado por um pensamento insistente e enlouquecedor: “Será que sou homem?”. O paciente não coloca em xeque sua heterossexualidade; a questão é mais sobre ser homem. Ser homem como o pai, que ofereceu para os filhos a oportunidade de crescimento, ser homem para uma mulher como o pai é para a mãe.

O terceiro caso é o de um matemático de 28 anos, solteiro. O jovem busca a análise porque terminou um namoro e não consegue desligar-se da moça. Em vários momentos do processo analítico ele se pergunta sobre o desejo por outros homens. Este é, no entanto, um desejo sem fantasias sexuais. O jovem matemático revela que fora gordo na infância e na adolescência, e que não era desejado pelas meninas; não *era*, no passado, já que na juventude ele tornou-se um homem atraente. O rapaz relata uma falta de habilidade com as mulheres, e os homens por quem se interessa são aqueles com uma grande capacidade de seduzi-las. O jovem matemático diz que, até os 27 anos, considerava toda fala do pai uma verdade inabalável.

O caso mais célebre de neurose obsessiva analisado por Freud<sup>3</sup>, “Homem dos Ratos”, foi alvo de diferentes leituras e inúmeras interpretações. Não temos a intenção de realizar uma nova interpretação, mas apenas de tomar o caso freudiano como uma referência para examinarmos a relação da neurose obsessiva com diferentes dimensões da alteridade.

Podemos dizer que, no neurótico obsessivo, o outro-objeto, ou seja, o outro que se situa no campo de objeto de amor é, em linhas gerais, a mãe, representada, no caso do “Homem dos Ratos”, pelas figuras da Dama e das irmãs. Escolhemos a expressão outro-objeto numa tentativa de apreender a inovação freudiana no que tange à problemática do objeto. O conceito de objeto na teoria freudiana refere-se, sobretudo, ao objeto da pulsão que é definido como “a coisa em relação à qual ou através da qual a pulsão é capaz de atingir sua finalidade”<sup>4</sup>, que é a satisfação; no entanto, como hoje já se tornou amplamente conhecido, a pulsão não pode, de modo algum, ser identificada com o instinto. A confusão entre *pulsão* (*Trieb*) e *instinto* (*Instinkt*),

como vemos na tradução inglesa de James Strachey, não se reduz a uma questão terminológica, mas possui um inequívoco alcance conceitual. A pulsão concebida como conceito limítrofe entre o somático e o psíquico escapa ao âmbito estrito do biológico e, portanto, da fixidez, da padronização, da programação genética que o caracterizam. Assim, pode-se falar em “destinos da pulsão” (*Tribschicksale*), no plural; nos diferentes caminhos em que ela, a pulsão, envereda na busca de uma satisfação que não mais pode ser obtida apenas no plano da natureza, mas exige, e é nisto que consiste o seu “destino”, uma mediação psíquica e, portanto, a mediação de um outro. Assim, podemos dizer que o objeto pulsional é o que há de mais variável, porque, ao contrário do objeto natural, exigido pela necessidade, aquele é marcado pela contingência. O conceito de *apoio* esteve presente nos *Três Ensaios sobre a Teoria da sexualidade*<sup>5</sup> desde sua primeira edição, de 1905, mas foi posteriormente abandonado. Ele pode ser tomado como um índice claro da passagem do registro da necessidade biológica para o do psiquismo, independentemente de como avaliemos o conceito teoricamente. Ou seja, a afirmação da variabilidade do objeto introduz a dimensão da possibilidade e da indeterminação e, deste modo, proporciona uma reflexão sobre a subjetividade que transcende a dimensão biológica. É nesse sentido que podemos compreender a afirmação de Merea<sup>6</sup> – que só aparentemente apresenta-se como paradoxal – de que uma elucidação sobre o estatuto e a função do objeto seja um imperativo para definir uma concepção de sujeito. A concepção de objeto não é unívoca, uma vez que encontramos concepções antropológicas naturalistas que defendem a ideia de um objeto único e natural; concepções antropológicas transcendentalistas que enfatizam a abertura do sujeito para um horizonte de possibilidades objetais; e ainda concepções, como as anunciadas pela psicanálise, que revelam a variabilidade de objetos para pulsão.

Acreditamos que a expressão outro-objeto possa exprimir a complexidade presente na inovação freudiana no que se refere à noção de objeto. O encontro com o objeto da pulsão e com o objeto do desejo deve ser, necessariamente, mediado pelo outro. Não se trata de um mero objeto na sua materialidade ou na sua positividade de dado, mas trata-se de sua significação constituída através da mediação do outro. Assim, na perspectiva freudiana, a noção de objeto remete-nos à problemática da alteridade, que aqui poderia ser analisada especificamente através da figura de um outro-objeto.

Não podemos deixar de pensar, nesse momento, na célebre passagem da “Dialética do senhor e do escravo”, que se encontra na *Fenomenologia do Espírito*, de Hegel. O senhor depende do escravo, na medida em que o último transforma as coisas, elevando-as à categoria de objeto do

desejo, introduzindo-as na esfera do reconhecimento que constitui o mundo humano. Hegel revela:

O senhor se relaciona com estes dois momentos: com uma coisa como tal, o objeto do desejo, e com a consciência para a qual a coisa é o essencial. [...] O senhor também se relaciona mediatamente por meio do escravo com a coisa [...].<sup>7</sup>

O escravo, com seu trabalho e sua mediação, transforma a coisa em objeto de desejo, para que dela o senhor possa gozar. A consciência, ou seja, a mediação do outro é essencial para que a coisa ganhe o estatuto de objeto de desejo. Assim, “o desejo não o conseguia por causa da independência da coisa; mas o senhor introduziu o escravo entre ele e a coisa”<sup>7</sup>; a mediação do outro – no caso, o escravo – elevou a coisa à categoria de objeto de desejo. O senhor busca o reconhecimento através do desejo, por isso ele visa o objeto mediatizado pelo outro; sem o outro não há reconhecimento e nem objeto de desejo.

O outro-objeto expressa a causa do desejo, representa a busca pelo objeto da satisfação perdido. No caso do “Homem dos Ratos”, Freud apresenta a suspeita “de que foi através de suas irmãs que ele foi levado à sexualidade”<sup>3</sup>, pois o paciente apresenta um sonho em que estava copulando com a irmã, o que mostra certa precariedade no trabalho da censura. O jovem matemático, citado anteriormente, apresenta em todos os sonhos uma relação especial com a irmã. Ele inclusive relata um sonho em que alguém mexe em algo mágico no corpo da irmã, que ele próprio não pode tocar.

Para corroborar a nossa hipótese de que o outro-objeto do “Homem dos Ratos” é a mãe e/ou similares, podemos citar alguns pensamentos do paciente retratado na obra que podem ser interpretados nessa direção:

“Se tenho esse desejo de ver uma mulher despida meu pai deverá fatalmente morrer”<sup>3</sup>

“Ela lhe seria afável se alguma desgraça viesse a lhe acontecer; e, como exemplo dessa desgraça a morte de seu pai.”<sup>3</sup>

“... na primeira vez que experimentou as prazerosas sensações da cópula, irrompeu em sua mente uma ideia: ‘Que maravilha! Por uma coisa assim alguém é até capaz de matar o pai!’”<sup>3</sup>

Os três pensamentos introduzem a questão da morte do pai relacionada com a sua vivência da sexualidade. Por que a necessidade da morte do pai (para ocupar o lugar deste e virar homem) diante da sua experiência sexual?

Parece evidente que essas alusões à morte do pai referem-se tipicamente à experiência edípica, que aqui se apresenta quase que esquematicamente em sua forma positiva. Segundo Ribeiro, o encontro do sujeito com o sexo é sempre traumático, e na neurose obsessiva é acompanhado por um excesso de gozo que acarreta culpa e autorrecriação<sup>8</sup>.

Freud suspeita que o paciente é constituído por três personalidades: “uma plena de humor e normal, outra ascética e religiosa, e a terceira, imoral e perversa”<sup>3</sup>. Essa hipótese é, para o nosso objetivo, bastante interessante, pois, seguindo nosso modelo de reflexão sobre os graus de relação da neurose com a alteridade, podemos supor três modalidades de relação. A primeira é a que se exprime através da personalidade imoral e perversa, revelando a busca não renunciada da relação com o outro-objeto, que se expressa na imagem materna. Sendo a mãe o objeto do desejo, coloca-se, conseqüentemente, a questão da não aceitação da lei, da interdição constitutiva da dimensão humana, desvelando a face imoral e perversa como um modo de relação com o outro-objeto.

A segunda modalidade de relação manifesta-se na personalidade ascética e religiosa, traduzindo a presença do outro-abstrato, que se refere a uma Lei superior, um outro que não é encarnado, mas possibilita uma organização psíquica. Esse outro desencarnado aparece, para “O Homem dos Ratos”, na tortura psíquica vivenciada pelo paciente, através dos sucessivos debates intelectuais que se travam no interior de sua consciência moral exacerbada, dos pensamentos ordenativos e dos julgamentos torturadores que ele próprio se impõe. De fato, o neurótico obsessivo caracteriza-se, como a prática confirma amplamente, pela compulsão com que se entrega a autocondenações morais, escrúpulos e racionalizações intelectuais e a rituais de expiação e purificação de natureza quase religiosa. Essa religiosidade parece atestar essa submissão a um outro que, radicado na intimidade do neurótico, domina-o como se estivesse situado na exterioridade. E é exatamente essa experiência que traduzimos através da figura do outro-abstrato. Nesse ponto parece pertinente mencionar o caso do jovem historiador que oscila entre uma grande idealização do pai e um desejo de repetir as ações caridosas da mãe. O jovem historiador criou um grupo que tenta auxiliar crianças abandonadas através de pequenos passeios e da intervenção junto ao processo de adoção. Essa ação tem uma inspiração na mãe, que aposta na caridade através do catolicismo como forma de doação ao outro. O ponto interessante dessas ações, de inspiração materna, aparece no momento em que o paciente considera que elas o tornam uma pessoa fraca, sentimental. O paciente se pergunta se não seriam essas ações que o levam a questionar sua masculinidade. Assim, ao mesmo tempo em que obedece a um outro maior, a religiosidade, pune-se por ser fraco. Na verdade, o primeiro pensamento

obsessivo, que questiona sua posição masculina, aparece quando encontra a ex-namorada. Ela revela que sofreu muito com o término do namoro, e que ele é o responsável por esse sofrimento. Nesse momento, o jovem historiador entra em uma lógica obsessivamente autorrecriminativa, e se pergunta sobre sua masculinidade: “Sou homem ou não?” Um homem é mais forte do que sentimental; não pode comover-se com criancinhas abandonadas. Esse tipo de comportamento é tipicamente feminino, e pode ser observado na mãe. E mais: um homem, como o pai, não faz a mulher sofrer.

No caso do “Homem dos Ratos”, ele recorreu a diferentes estratégias de inclusão do outro-abstrato no discurso. Assim, por exemplo, ao privilegiar os acontecimentos sexuais na narração de sua vida, alega que essa ênfase respondia ao que ele conhecia acerca da importância da sexualidade na teoria freudiana<sup>3</sup>. Ou seja, ele preocupou-se em conhecer as teorizações freudianas como forma de resistência, pois, através delas, poderia escamotear as implicações subjetivas dos acontecimentos narrados. Segundo Freud, a utilização de generalizações, procedimento comum no universo da teoria, caracteriza tipicamente uma neurose obsessiva<sup>3</sup>.

Já o jovem matemático traz para análise verdadeiros presentes. Suas narrações dos sonhos parecem ser retiradas de um texto freudiano. E suas teorias “infantis” sobre a universalidade do pênis respondem às teses freudianas da fase fálica. Ele anuncia um desinteresse de conversar com as mulheres; tem apenas interesse sexual nelas. É mais interessante conversar com um grupo de amigos; mulheres não têm nada a dizer. O paciente, inclusive, sonha que está fazendo análise com UM analista, e quando vai abraçá-lo para receber alta, os dois estão com ereção, e ele se pergunta onde vai colocar seu órgão sexual. Assim, só outro homem pode legitimar sua posição masculina.

Os obsessivos parecem esconder sua dimensão de pessoa atrás do outro-abstrato, isto é, atrás de generalizações, teorizações, rituais religiosos e ordenamentos morais. A imagem do pai aparece muitas vezes nesse lugar de operador do outro-abstrato da moral e do saber, como nessa passagem em que o paciente em “Homem dos Ratos” confessa que “costumava deixar aberta a porta do corredor, à noite, convencido de que seu pai estaria parado ao lado de fora”<sup>3</sup>.

A fantasia reiterativa e ameaçadora do Pai Morto simboliza a inescapável presença de um censor moral. Neste sentido, o pai do “Homem dos Ratos”, não o pai real, mas aquele que foi elevado a um *status* de símbolo após sua morte, após o parricídio desejado, aparece como uma forma de outro-abstrato da moralidade. Seria inevitável, como Freud o fez, a comparação com Hamlet, com as fantasmagorias que povoam o delírio do personagem shakespeariano. Também o príncipe da Dinamarca apresenta em seu drama

existencial um respeito quase religioso ao outro-abstrato, figurado na imagem do fantasma do Pai, e visa como outro-objeto, como objeto do desejo, a mãe. A trama edípica consumada através da traição do tio encena, exemplarmente, as diferentes configurações de alteridade de um neurótico obsessivo.

O outro-abstrato no obsessivo remete ao pai real elevado à categoria de pai simbólico, veículo de transmissão da lei. Essa possível coincidência entre o outro-abstrato e o pai real no obsessivo ajudaria a explicar a questão da onipotência do sujeito obsessivo, uma vez que ele próprio pode cair no engodo e confundir o seu eu com o outro-abstrato. Juranville<sup>9</sup> propõe uma leitura estrutural dos três principais quadros clínicos de neurose, Histeria, Neurose Obsessiva e Fobia. Essa leitura articula três categorias com três posições diferentes. As posições se referem ao lugar do desejo, ao campo do outro e à posição de sujeito. As categorias trabalhadas são *pai concreto*, *pai simbólico* e *mãe*. No caso da Neurose obsessiva, o campo do desejo é determinado pela mãe, a posição de sujeito é atribuída ao pai concreto e a posição de alteridade é designada ao pai simbólico. No caso da Histeria, o desejo é movido pelo pai concreto, o campo do outro é representado pela mãe e a posição de sujeito é uma exclusividade da categoria *pai simbólico*. Se para o obsessivo a posição de sujeito é ocupada pelo pai concreto e o outro-abstrato é o pai simbólico, o Eu, no processo de identificação com essas figuras sobpostas, pode viver uma sensação de onipotência, que logo é desfeita na medida em que a identificação é imaginária, conduzindo, pois, o obsessivo à impotência. Ou seja, como o obsessivo não opera uma cisão com a realidade, ele reconhece que o outro-abstrato, o pai simbólico, ultrapassa a dimensão concreta do pai real, e, portanto, é inatingível, o que lança o obsessivo à impotência e a uma oscilação interminável. Assim, a dialética onipotência/impotência presente nos sintomas obsessivos refere-se à superposição produzida entre o outro-abstrato (pai simbólico, pai morto) e a posição de sujeito/assujeitado destinada aos homens concretos, o que inclui o pai real e o próprio obsessivo. Parece-nos que, em sua fantasia, o obsessivo quer ser um quase deus, que se propõe a realizar uma tarefa impossível: a de ocupar o lugar divino da perfeição. Essa fantasia onipotente se mantém até o contato castrador com a realidade e, assim, na lógica do seu sintoma, o obsessivo sucumbe à paralisia. Ele quer ser a Alteridade Radical, mas, como não é possível, o niilismo o invade e o aprisiona em sua esterilidade. Ora, o que está em jogo nesse movimento é exatamente o par antitético narcisismo/castração.

O fragmento do caso do jovem agricultor talvez possa ilustrar essa dialética onipotência/impotência. Francisco tem 25 anos, é o segundo filho de uma família que tem quatro filhos homens. Seu pai tem 68 anos, e sua mãe, 45. O pai é autoritário, bateu nos filhos até eles completarem 18 anos, e centraliza todo o dinheiro em sua mão. A herança da mãe está em poder do pai,



sendo que as terras, também em seu poder, encontram-se abandonadas. Francisco largou o curso de Agronomia, voltou para a cidade natal da mãe, casou-se e resolveu investir na fazenda, herança de seu avô materno. O pai cobra aluguel pela utilização das terras.

Francisco tem conhecimentos técnicos avançados na área de agropecuária. Fez estágios importantes, recebeu vários convites de grandes empresas, mas abandonou tudo e voltou para o solo materno. Tomou vários empréstimos num Banco, utilizando-se do nome da família do avô materno. Todo o dinheiro foi investido na fazenda. Francisco buscava obter a produção que nunca existiu nas terras do avô materno, para quem o trabalho na terra não tinha valor. O avô materno acreditava que devia-se acumular bens patrimoniais, e que a terra, ainda que improdutiva, era signo de riqueza e poder. Francisco trabalhou duro, de sol a sol, mas quando chegou o momento da colheita, ele não foi capaz de colher por motivos inteiramente neuróticos. Por uma paralisia subjetiva, ele não conseguiu realizar a colheita, nem teve a possibilidade de culpar algum fenômeno natural. O produto perdeu-se totalmente e Francisco não teve condições de pagar o empréstimo. A partir daí, desse fracasso inconscientemente buscado, produziu uma dívida impagável com o Banco, concretizando, na materialidade do dinheiro, a sua dívida simbólica. O desejo onipotente de realizar uma tarefa proibida pela história familiar, uma tarefa impossível, acrescido do desejo incestuoso de fertilizar as terras da mãe, o conduziram para a impotência e para o impasse existencial.

Voltando ao caso de Freud, acreditamos que a primeira personalidade, por ele citada, do “Homem dos Ratos”, a que seria plena de humor e normal, refere-se à sua dimensão de outro-pessoa. Esta, porém, não pode ser dissociada das outras duas – a imoral e a religiosa – que estariam sobredeterminadas por seu inconsciente. Não deixa de ser interessante mencionar que os sujeitos privilegiados pelo paciente, aqueles que possibilitariam uma relação em que se valoriza a dimensão de outro-pessoa, sejam os homens. Essa inclinação origina-se em sua relação com o pai real, pois este aparece como sujeito, em oposição ao lugar da mãe e das mulheres em geral. Freud acentua que no início do tratamento o paciente revelou-lhe que “[...] tinha um amigo sobre o qual possuía uma opinião extraordinariamente elevada. Costumava procurá-lo sempre que estava atormentado por algum impulso criminoso, e perguntar-lhe se ele o desprezava, como se despreza um criminoso”.<sup>3</sup> Para o paciente obsessivo, esse amigo ocupa o lugar de outro-pessoa, de sujeito próximo, e que é reconhecido como um outro na sua concretude. Em nota de rodapé, encontramos uma afirmação, referida a Adler, que poderia corroborar a influência exercida sobre o paciente pela figura dos homens<sup>3</sup>. Esse outro-pessoa, no entanto, também carrega consigo dimensões narcísicas, já que é o outro idealizado que possibilita a vivência do ideal do Eu. Esse reco-

nhecimento dos amigos como um lugar de idealização aparece, sobremaneira, no caso do jovem matemático, em que os amigos, por vezes, detêm a verdade. Mas como se dá o laço transferencial desse sujeito que idealiza outros homens?

Nos extratos do caso clínico, Freud relata uma atitude transferencial do paciente quando este chama o analista de “capitão”. Parece que o próprio analista suscitou essa transferência, ao assegurar para o paciente que não tinha gosto, qualquer que fosse, por crueldade, e certamente não tinha desejo algum de atormentá-lo; contudo, naturalmente, não podia conceder-lhe algo que estava além de suas forças, ou seja, o paciente teria de superar as suas resistências e descrever a crueldade relatada pelo “capitão”<sup>3</sup>. Ainda assim, não pareceria a própria exigência do analista uma tortura naquele momento?

Um outro dado transferencial importante refere-se aos sonhos e pensamentos do paciente em relação à filha de Freud, colocando a questão do casamento que visa a uma ascensão social. Esse tema remete aos conflitos libidinais com a “Dama”, e ao seu conflito edípico, tendo em vista que seu pai, com o casamento, adquiriu uma posição relativamente confortável.<sup>3</sup> Isso evidencia, ainda, a ambivalência do obsessivo em relação ao pai: ao mesmo tempo em que ele é adorado, sua imagem é, também, denegrida. A degradação é uma exigência da ação que coloca a mãe como outro-objeto. No entanto, a morte do pai dificulta a operação de degradação exigida pela busca do objeto de desejo. E, assim, parece-nos pertinente reconhecer, também, a ambivalência em relação à figura materna, o que pode ser ilustrado com o relato de um sonho sobre a morte da mãe do psicanalista e o receio do paciente de irromper numa risada inoportuna quando fosse oferecer as condolências<sup>3</sup>.

Um fragmento do caso do jovem matemático denuncia a complexidade que é o laço transferencial. Essa complexidade é, na maioria das vezes, apresentada na forma de relato de sonho. Ele sonha que está com a irmã, que deseja beijar o seio da irmã, mas esta se transforma na mãe e na analista. Esse sonho revela o desejo pela mãe. Em outro sonho, a analista transforma-se em um homem, e essa figura masculina oferece a alta do processo. Esse sonho transferencial parece revelar que só os homens possuem a verdade.

Resta-nos, ainda, considerar aqui a problemática narcísica enfaticamente presente na trama fantasmática do obsessivo. A mãe, na sua posição de outro-objeto, que foi instituído a partir da primeira relação objetal, remete à situação do narcisismo primário. Ora, o narcisismo primário refere-se à imagem especular, que é a primeira ordenação psíquica no processo de constituição da subjetividade. Esse movimento na constituição da subjetividade coloca em cena dois termos numa polaridade complementar: a mãe e o *infans*. Assim, a mãe aparecerá sob dois aspectos: como objeto de desejo e como

imagem especular. No caso do obsessivo, a ênfase se dá no primeiro aspecto, ou seja, na condição de objeto do desejo; já na Histeria, na sua relação com a figura materna, o elemento ressaltado é a imagem especular, pois nessa estrutura deve haver um movimento de substituição da mãe como outro-objeto pelo o pai. Entretanto, como foi enfatizado acima, sabemos que a problemática narcísica também figura na organização neurótica do obsessivo. A diferença é que na neurose obsessiva observamos uma prevalência da problemática do narcisismo secundário, da busca de ideais para o Eu, através da moral, da religião, da ciência. Não estamos negando a incidência do narcisismo primário, mesmo porque a onipotência obsessiva refere-se ao Eu ideal. Mas o que leva o obsessivo na direção do narcisismo primário é o desejo de possuir o outro-objeto.

O conflito entre a alteridade – representada pelo pai morto – e a dimensão do outro-objeto – encarnada no desejo pela mãe – projeta-se no outro-transferencial que repete e atualiza a dialética amor/ódio. Assim, o “Homem dos Ratos” relatava sonhos transferenciais assustadores envolvendo tanto a imagem de Freud quanto a de sua própria família.<sup>3</sup> Imagens oníricas que os degradavam através de enforcamentos, de acusações de assassinato e de atitudes vulgares e sujas.

Assim, o juramento do paciente: “Você deve pagar de volta o dinheiro ao tenente A”<sup>3</sup>. soa como uma ordem emitida por um estranho que habita o Eu. Mas a guerra titânica entre argumentos e contra-argumentos que nele se debatiam, provocando a paralisia e a impossibilidade de cumprir o juramento, parece-nos uma descrição perfeita da luta entre o Eu e o “Alteritário”. As ordens de assassinato e o impulso suicida, muitas vezes decorrentes dos pensamentos criminosos,<sup>3</sup> parecem-nos ser mais um exemplo dessa presença do “Alteritário”, a provocar perplexidade e desorientação na vida do sujeito. A metaforização mais interessante dos conflitos inconscientes do paciente é, sem dúvida, o vínculo entre a tortura com os ratos e o problema da dívida, traduzida na ordem de pagar o tenente “A”. A presença do inconsciente na análise torna-se patente através do vínculo entre a torturada sexualidade do paciente e sua dívida impagável, que se exprime na imagem dos ratos que o torturam e o devoram por dentro.

Desta forma, para o obsessivo, a Alteridade expressa o lugar do pai que é o representante da norma, da ordem, mas que também impõe a angústia da dívida. A mãe parece ocupar a posição de outro-objeto, de objeto do desejo. Mas as coisas não são tão simples, porque a dimensão do conflito anuncia a dúvida em relação à posição dos elementos. Entretanto, acreditamos que, resguardada a dimensão inegável do conflito e da possibilidade da mudança de posições, o que prevalece é o Pai na posição de Ideal e a Mãe na posição de outro-objeto. Assim, acreditamos que uma forma de neutralizar as fanta-

sias em relação ao par parental é problematizar a própria posição sexual e questionar a própria masculinidade.

## Referências

1. Melman C. A neurose obsessiva. Rio de Janeiro: Companhia de Freud; 2004.
2. Freud S. Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico (1916). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago; 1976. v. 14, p. 123-64.
3. Freud S. Notas sobre um caso de Neurose Obsessiva (1909). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago; 1976. v. 10, p. 157-250.
4. Freud S. Os instintos e suas vicissitudes (1915). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago; 1976. v. 14, p. 123-64.
5. Freud S. Três Ensaios sobre a teoria da Sexualidade (1905). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago; 1976. v. 7, p. 118-229.
6. Merea EC. Os conceitos de objeto na obra de Freud. In: Baranger W. (Org.). Contribuição ao conceito de objeto em Psicanálise. São Paulo: Casa do Psicólogo; 1994. p. 1-18.
7. Hegel. A fenomenologia do espírito (1806). Petrópolis: Vozes; 1992.
8. Ribeiro MAC. A Neurose Obsessiva. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2003.
9. Juranville A. Lacan e a filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1987.

Recebido em: 04/11/2010

Aceito em: 10/05/2011

### Endereço para correspondência:

*Jacqueline de Oliveira Moreira*

Rua Congonhas, 161 – São Pedro

Belo Horizonte, MG – CEP 30.330-100

Telefone: (31) 3223-3951

E-mail: jackdrawin@yahoo.com.br